

CAMINHANDO PARA A CIDADE QUE QUEREMOS



**A OCUPAÇÃO QUILOMBO PARAÍSO E
AS COMUNIDADES DO BEM VIVER DO
MOVIMENTO DOS SEM TETO DA BAHIA**

SALVADOR, BAHIA

Texto escrito por: Equipe Urbana do Centro de Estudos e Ação Social

Fotos: Acervo da Equipe Urbana do CEAS

Apoio a elaboração e diagramação: Periferia, Bélgica
2017

Toda reprodução é autorizada desde que se menciona a fonte

Contato da experiência



Centro de estudos e ação social

Endereço: R. Prof. Aristίδes Novis, 101 - Federação,
Salvador - BA, 40210-630

Fone: (+55) 71 3247-1232

Site: ceas.com.br

Contato da serie



Centro de Assessoria e Apoio a Iniciativas Sociais

Endereço: SC/Sul, Quadra 03, Bloco A, nº 79 – Edifício
João Paulo II, Brasília - DF, 70303-903

Fone: (+55) 61 3322-0155

Site: caisassessoria.org.br

Com o apoio de



Disponível em www.altofalante.info



A CIDADE QUE QUEREMOS

A extrema desigualdade econômica e social do Brasil no meio urbano está expressa na forma desigual da ocupação do solo urbano, no acesso aos benefícios produzidos na cidade, na segregação socioterritorial, no caos urbano a que está submetida grande parcela da população que sofre os efeitos diretos da degradação ambiental e em inúmeras situações da violação da dignidade humana.

Para enfrentar os graves problemas urbanos, nas últimas décadas as entidades que atuam no campo do direito à cidade no Brasil têm cumprido um papel importante de mobilização popular, participação social, proposições de legislações, enfrentamento jurídico para efetivação dos direitos e na democratização da cidade e das políticas urbanas, com experiências concretas para que as populações em situação de vulnerabilidade social tenham melhores condições de vida e as cidades sejam mais justas e sustentáveis.

No entanto, essas relevantes experiências nem sempre são registradas e disseminadas. Conseqüentemente, não são reconhecidas na sociedade em geral e nem mesmo entre os parceiros que atuam nas mesmas problemáticas.

Esta série de registros “Caminhando para a cidade que queremos” nasceu dos encontros sobre os desafios urbanos entre os parceiros da Misereor que atuam no campo do desenvolvimento urbano e direito à cidade. Seu objetivo é contribuir na comunicação de práticas urbanas, na troca de aprendizagens e na reflexão sobre ações futuras.

Cada publicação finaliza com alguns “passos sobre a cidade que queremos”, que são questões centrais extraídas da atuação em cada caso concreto traduzidas em resultados ou desafios.

A OCUPAÇÃO
QUILOMBO PARAISO E
AS COMUNIDADES DO
BEM VIVER DO
MOVIMENTO DOS SEM
TETO DA BAHIA

SALVADOR, BAHIA

“A MINHA CASA CONQUISTO CONQUISTO CAMINHANDO



TO PELA FORÇA!
, INSISTINDO EM OCUPAR”



Ocupação Quilombo Paraíso

A OCUPAÇÃO QUILOMBO PARAÍSO

“

“No terceiro dia, não saí mais. Tô aqui dentro até a data de hoje. Porque eu me identifiquei com a luta. Me identifiquei com o trabalho, principalmente depois do confronto. Quando eu vi aquele meio mundo de polícia, vindo pra cima, derrubando 450 barracos, e aquele corre-corre. Eu vi que alguns homens se afastaram, outros ficaram. E aquelas mulheres se encostaram. Naquele momento eu decidi ficar na ocupação. E foi aí que eu vi a importância de um coletivo, naquele momento do confronto foi que eu fui descobrir o que é um coletivo, você acredita? Que até então eu não sabia. Aí eu disse: eu quero isso pra mim.”

Rita

Moradora da Ocupação Quilombo Paraíso e coordenadora estadual do MSTB

Organizadas no Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), diversas famílias realizaram, em 2009, a ocupação de um terreno, em Colinas de Periperi, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. Alojaram-se em barracos de madeira e lona sobre um terreno bastante íngreme, abandonado há anos pela Empresa Baiana de Saneamento e Águas da Bahia (Embasa). Denunciando a especulação imobiliária, passaram a pressionar o governo visando à conquista da tão sonhada moradia.

Dias após a ocupação, a polícia expulsou as famílias de maneira truculenta. A justificativa se dava por ser uma Área de Proteção Ambiental (APA). Mas, ao mesmo tempo em que argumentava a impossibilidade de moradia, o Governo da Bahia estava construindo o Hospital do Subúrbio ao lado da ocupação. Diante disso, as famílias afirmavam: “Se pode construir o hospital, a gente também pode morar”.

Na luta, 120 famílias retomaram a ocupação e o MSTB passou a exigir a negociação com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Sedur), instância governamental responsável pela mediação em conflitos fundiários urbanos.

Ao longo das negociações, ficou pactuado que as famílias seriam inseridas em um conjunto habitacional do Programa Habitacional Minha Casa Minha Vida (MCMV) a ser construído na área ocupada. O contrato para a construção deveria ser assinado em setembro de 2014. Mas tanto a mudança no grupo político à frente da Sedur quanto a conjuntura de cortes de recursos dos programas sociais no país paralisaram o andamento dessas negociações.

Em janeiro de 2017, as famílias foram surpreendidas com a notícia de que teriam que sair da área para a construção de um conjunto habitacional e que não seriam por ele beneficiadas, rompendo o acordo anterior. Ao ser questionado sobre a não inserção das famílias no conjunto, o representante da Sedur argumentou que as verbas para a construção advinham do Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC-Vinculado, e só poderiam ser beneficiados os impactados diretamente por obras do programa. Mas não seriam as famílias de Paraíso também impactadas por obras financiadas pelo PAC? E as negociações anteriores? São diversas as questões em aberto para a permanência dessas famílias no território.

Em habitações improvisadas, sem infraestrutura urbana e marcadas pela desigualdade social, as famílias da ocupação Quilombo Paraíso resistem na luta por moradia digna, vivenciando juntas conflitos e desafios cotidianos. Buscando enfrentar coletivamente os problemas – que vão de operações policiais à fome – a ocupação necessitou avançar no seu processo organizativo. Assembleias e reuniões tornaram-se práticas constantes na ocupação.

“SE PODE CONSTRUIR
O HOSPITAL, A GENTE
TAMBÉM PODE
MORAR.”



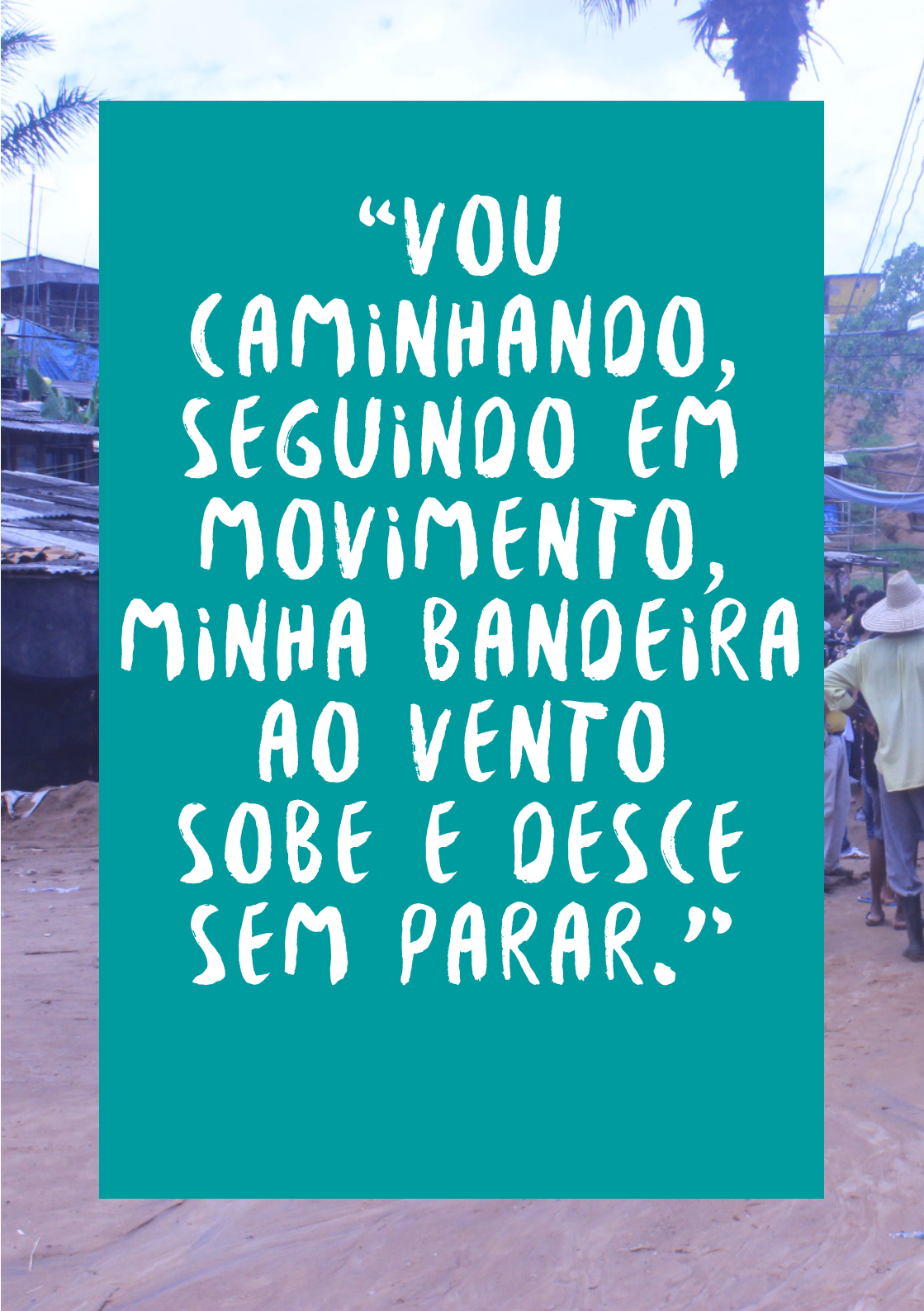
DE OCUPAÇÕES A COMU- NIDADES DO BEM VIVER: “A LUTA NÃO TERMINA SÓ NAS QUATRO PAREDES”

“

“A gente precisa construir uma comunidade, uma comunidade voltada, assim, pra resistência. Dizer: Não! O território é meu, eu vou ficar aqui e trabalhar pela melhoria desse local e também ter um bem-estar. Eu preciso de um emprego, eu preciso de saúde, de educação. Aí aos poucos eu vim descobrindo que a luta não termina só nas quatro paredes. Mesmo que a pessoa venha ganhar a casa, a luta dela não acaba ali, ela tem que lutar pelos direitos dela que estão na Constituição.”

Rita

Moradora da ocupação Quilombo Paraíso e
coordenadora estadual do MSTB



“VOU
CAMINHANDO,
SEGUINDO EM
MOVIMENTO,
MINHA BANDEIRA
AO VENTO
SOBE E DESCE
SEM PARAR.”

As ocupações espontâneas foram e ainda são protagonistas no processo da conformação socioespacial de Salvador. As famílias que não têm condições de adquirir a casa própria no mercado imobiliário formal de habitação historicamente ocupam espaços vazios, autoconstruindo suas moradias.

O MSTB surgiu em 2003, enquanto resultado do acúmulo organizativo das famílias da ocupação Dois de Julho, na Estrada Velha do Aeroporto, que foram violentamente expulsas da área. A partir daí o MSTB se estruturou no sentido de organizar famílias sem teto na cidade em luta pelo direito à moradia, pressionando o Estado a dar resposta à questão da moradia popular, mediante a ocupação de imóveis vazios e terrenos abandonados sem função social.

MSTB

O MSTB é um movimento social que historicamente atua na cidade organizando trabalhadores e trabalhadoras na luta por moradia digna, melhores condições de vida e por uma sociedade justa e igualitária. Atualmente é composto por 32 espaços de atuação na Região Metropolitana de Salvador e no interior do estado da Bahia (Feira de Santana e Camamu), envolvendo mais de 5 mil famílias.

Além de instrumento de luta por moradia, para o MSTB as ocupações são espaços de formação e transformação. Nelas, as famílias vivem e enfrentam os problemas cotidianos coletivamente. Os problemas, antes entendidos como individuais, são tratados nas reuniões, assembleias e manifestações. As famílias passam a adotar a organização coletiva, e a moradia é apenas um ponto de partida na luta por outra cidade e outra sociedade.

Compreendendo que a luta por uma vida digna não termina na casa e orientado pelos princípios da autonomia, da horizontalidade e da solidariedade entre os povos, o MSTB encampa a construção do poder popular. Para o movimento, só o povo organizado pode promover mudanças profundas na sociedade.

Nesta luta por uma cidade e uma sociedade mais justas e solidárias, tem como horizonte concretizar em seus espaços as Comunidades do Bem Viver. A inspiração vem das lutas populares do povo negro, dos indígenas, das mulheres e, especialmente, da comunidade de Canudos – uma história de luta e resistência do povo sertanejo. Inclusive, as ocupações são chamadas de quilombos, pois são compreendidas enquanto continuidade da luta do povo negro.

Bem Viver

As comunidades do Bem Viver são espaços de resistência que respeitam os modos de vida do povo, valorizando o coletivismo, o cooperativismo, a diversidade e a pluralidade. Confrontam, portanto, a lógica excludente do individualismo, bem como o modelo de sociedade e de família organizado em torno do patrimônio material, do capital.



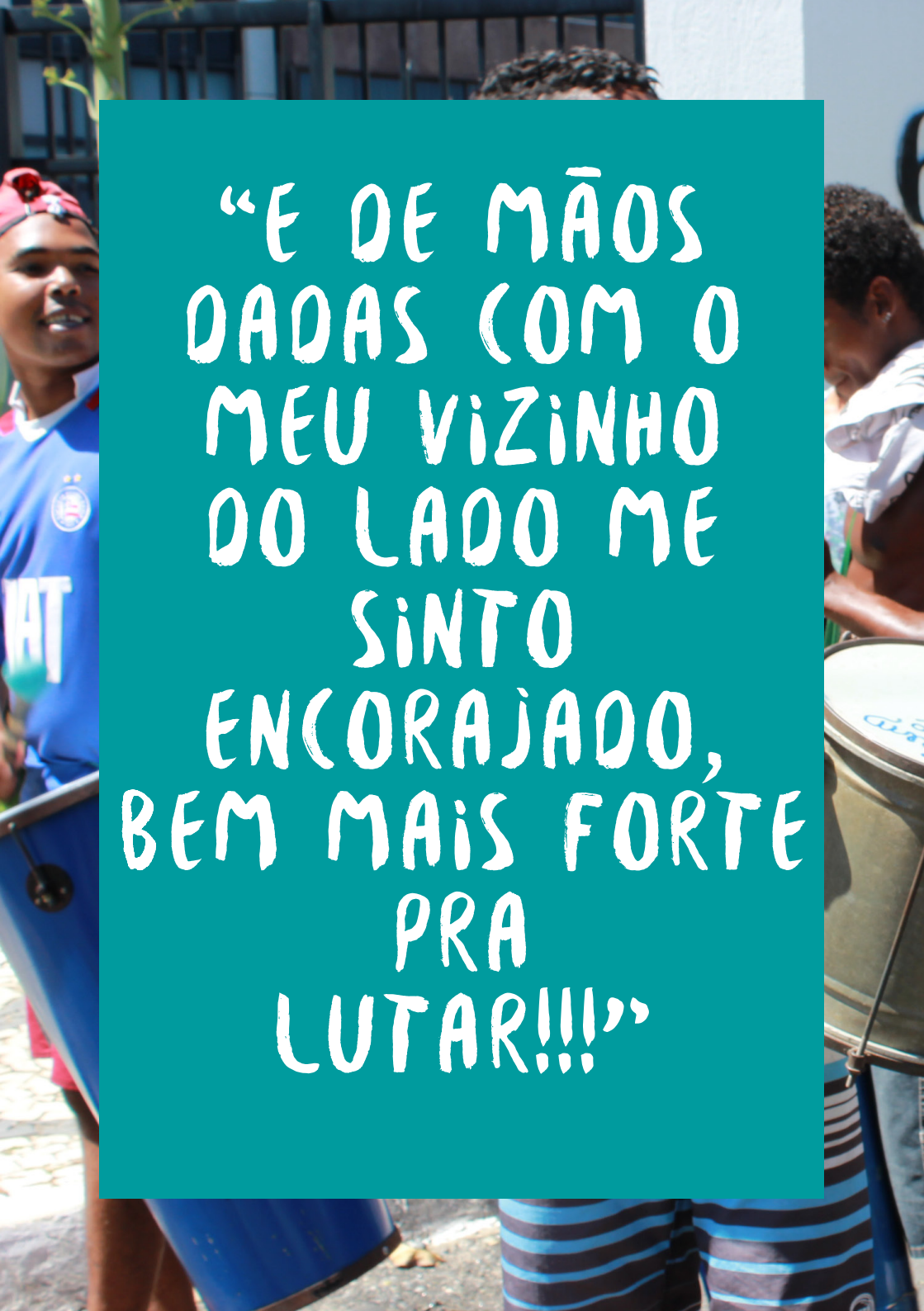
ORGANIZAR, OCUPAR E RESISTIR!

“

“Todos os momentos nós trabalhamos aqui dentro. Tomamos decisão no coletivo. A gente nunca tomou decisão sozinha aqui. O trabalho com eles (os jovens), por isso veio a banda. Esse trabalho com os meninos foi de extrema importância. Esses dias eu tava conversando com eles, dizendo que eu tenho orgulho deles.”

Rita

Moradora da Ocupação Quilombo Paraíso e
coordenadora estadual do MSTB



“E DE MÃOS
DADAS COM O
MEU VIZINHO
DO LADO ME
SINTO
ENCORAJADO,
BEM MAIS FORTE
PRA
LUTAR!!!”

Tendo em vista que as consequências das desigualdades e da falta de oportunidades vulnerabilizam especialmente a juventude pobre e negra, iniciou-se em 2010, a partir de uma articulação entre o MSTB e o Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), um trabalho com os jovens da ocupação. A formação sociopolítica da juventude promoveu iniciativas de mobilização para que ela passasse a ser protagonista na transformação desta realidade. Os jovens da ocupação Paraíso participaram de atividades formativas e de encontros de articulação com outros jovens, com destaque para o Encontro da Juventude do campo e da cidade. Além disso, diante do protagonismo das mulheres, sempre na linha de frente da ocupação, também foram construídos espaços de fortalecimento de suas lutas e de enfrentamento às problemáticas da desigualdade de gênero.

A permanência no território passou a ser um foco das famílias, e no processo de negociação com o poder público a pauta é a construção das habitações de interesse social na área da ocupação. Diante dos argumentos contrários à permanência, especialmente o de ser uma área de preservação ambiental, a comunidade implantou práticas de preservação e valorização do território da Bacia do Cobre.



Aipim colhido na roça da ocupação

Somado ao interesse de alguns moradores que já possuíam hortas no fundo de suas casas, a comunidade, em parceria com o Ceas e o Núcleo de Estudos e Práticas em Políticas Agrárias (NEPPA), desenvolveu ações de preservação associadas à agricultura urbana com bases agroecológicas. Partindo, portanto, de algo substancial para as famílias, que é a alimentação, a proposta associa práticas de preservação da área, de melhoria da qualidade de vida com

o consumo destes alimentos e de fortalecimento da identidade com o território da Bacia do Cobre.

Em uma área coletiva, um grupo de moradores, em sistema de mutirão, passou a cultivar raízes, verduras, frutas e hortaliças. A colheita é repartida não só com os participantes do plantio, mas com todos os moradores da ocupação, ampliando os laços de solidariedade e reforçando a resistência, uma vez que o trabalho na roça é permeado por debates sobre direito à alimentação, segurança alimentar, perspectivas de melhorias na renda e as questões relacionadas às desigualdades de gênero. Em convergência, constituiu-se uma ciranda para envolver as crianças em um trabalho político-educativo, no intuito de possibilitar que as mães, geralmente responsáveis por esse cuidado, pudessem dedicar-se às atividades. Visando fortalecer a iniciativa, foram realizadas trocas de experiências com outras ocupações do MSTB que produziam em quintais, bem como intercâmbios com outros movimentos sociais, especialmente movimentos do campo com acúmulo na produção de alimentos.



Área da roça coletiva na Ocupação Quilombo Paraíso

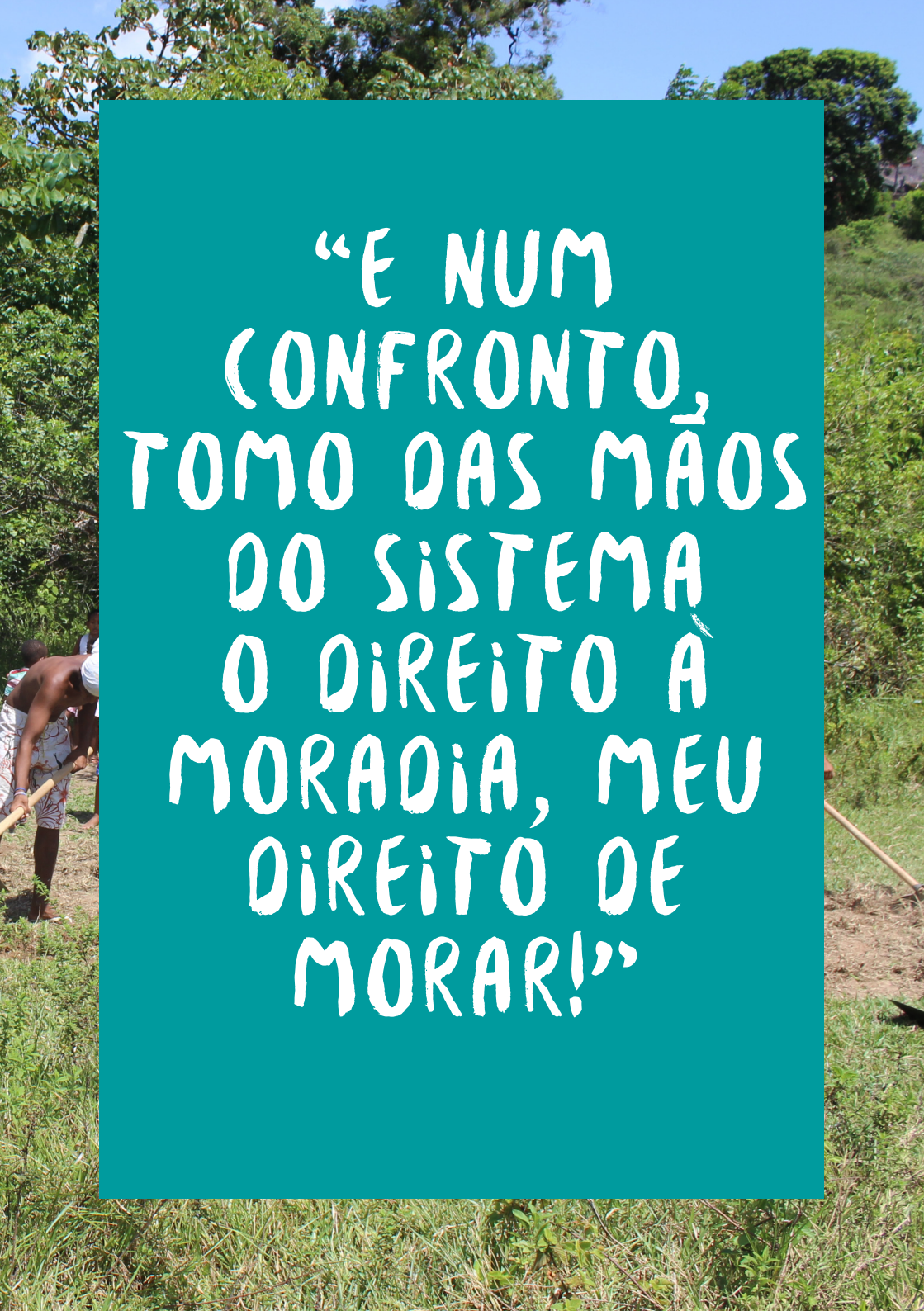
OS DESAFIOS DA PRÁTICA CONCRETA DA UTOPIA

“

“Quando minha filha veio para cá, eu vim atrás e gostei. Ela veio pra cá porque ela morava de aluguel. Quando ela veio eu vim, com medo de deixar ela sozinha. Nisso já vai fazer 8 anos. A ideia da horta eu gosto, porque eu sempre gostei de plantar. Quando cheguei aqui, já era organizado, já tinha as metragens certas. Mas dava pra plantar alguma coisa no quintal. (...) Mas depois que juntou e passamos a plantar lá embaixo eu gostei muito. (...) A plantação ajuda na alimentação. Contribui. Às vezes as pessoas vêm pedir aipim. Se o povo gostasse de horta, era uma boa solução.”

Dona Meire

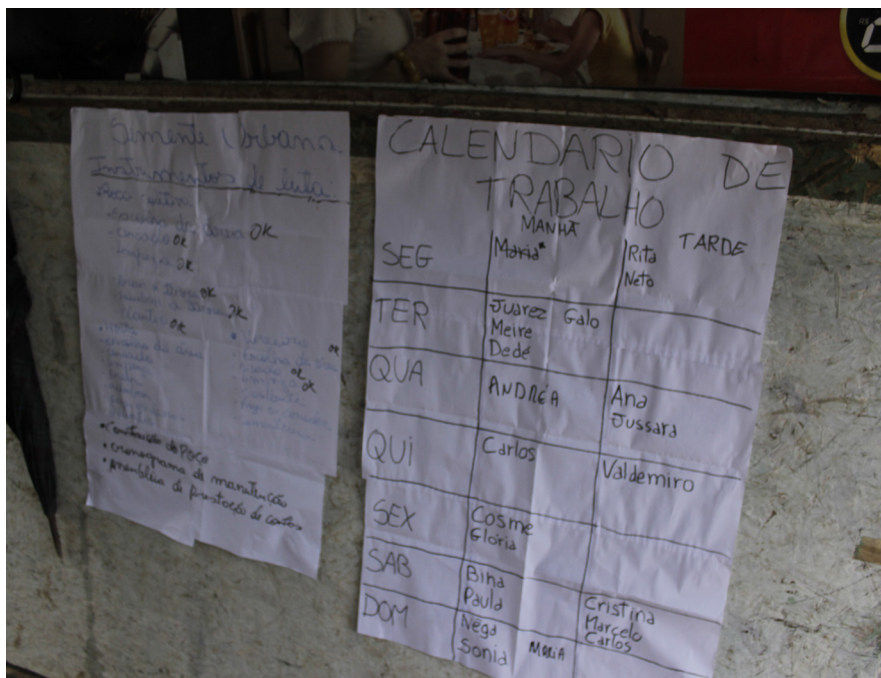
Moradora da ocupação Quilombo Paraíso

A person is working in a field, using a hoe to dig the soil. The person is wearing a patterned shirt and shorts. The background shows a lush green landscape with trees and a clear blue sky. A large teal text box is overlaid on the image, containing a quote in white, hand-drawn style text.

“E NUM
CONFRONTO,
TOMO DAS MÃOS
DO SISTEMA
O DIREITO À
MORADIA, MEU
DIREITO DE
MORAR!”

Logo os resultados desses trabalhos ficaram evidentes: a juventude participando das atividades organizativas da ocupação e do Movimento como um todo, com a formação de uma banda musical que anima os momentos de manifestação e de festividade; a auto-organização das mulheres para resolver os problemas da ocupação e seu progressivo empoderamento; a inserção do debate da preservação ambiental e da segurança alimentar no cotidiano da comunidade; a participação efetiva nos processos decisórios e o acompanhamento nas negociações sobre o futuro da área. Mesmo com estes bons resultados, ainda são muitos os desafios a enfrentar.

No que se refere à organização da comunidade, a desmobilização e concentração de tarefas em algumas pessoas são questões apontadas e que ainda precisam ser enfrentadas. Na roça, por exemplo, coloca-se que os mutirões foram diminuindo e que apenas algumas pessoas se preocupam em continuar com a plantação.



Mural com divisão de tarefas entre os moradores

Ademais, os riscos de não conquistar a moradia digna e de serem retirados da área, evidenciam a importância de a ocupação seguir mobilizada e fortalecendo a união, especialmente diante de todo o histórico de negociações frustradas e de mudanças repentinas nas políticas e propostas apresentadas pelo poder público municipal e estadual.



Mutirão de limpeza da área para plantação

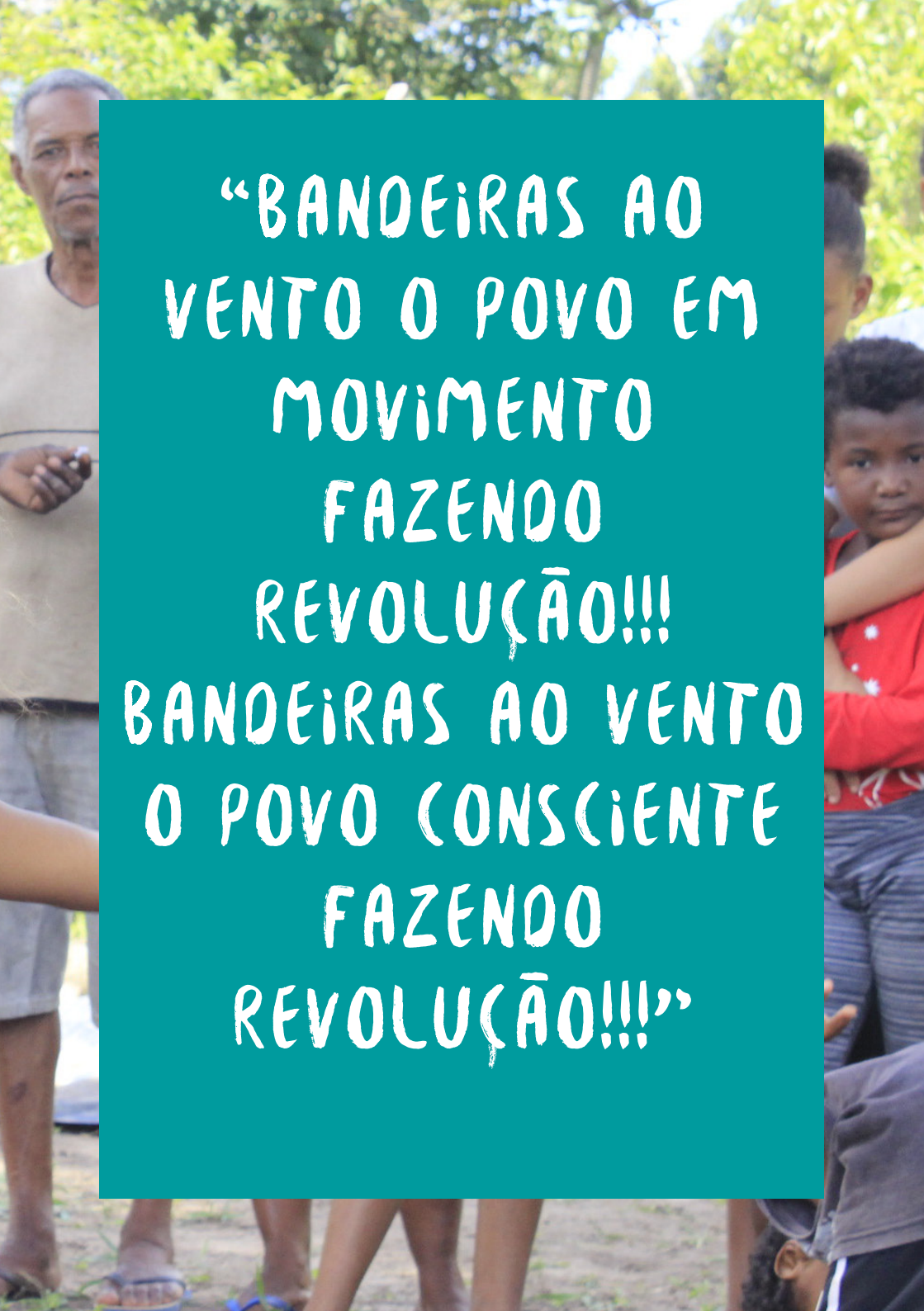
MODO DE VIDA EM CONSTRUÇÃO

“

“A gente tá no movimento porque a gente acredita em uma coisa melhor, em mundo melhor, né?! E um mundo melhor não termina em quatro paredes.”

Rita

Moradora da ocupação Quilombo Paraíso e coordenadora estadual do MSTB

The background of the image shows an elderly man on the left and a young child on the right, both looking towards the camera. They are outdoors, with green foliage and trees in the background. The man is wearing a light-colored t-shirt and shorts, and the child is wearing a red shirt with white stars and striped pants. The text is overlaid on a teal rectangular background.

“BANDEIRAS AO
VENTO O POVO EM
MOVIMENTO
FAZENDO
REVOLUÇÃO!!!
BANDEIRAS AO VENTO
O POVO CONSCIENTE
FAZENDO
REVOLUÇÃO!!!”

Nesse território popular de resistências, além da luta pela sobrevivência, busca-se superar coletivamente fatores contrários à dignidade da vida (racismo, sexismo, pobreza, desemprego, isolamento relativo da comunidade na malha urbana, má qualidade dos serviços públicos essenciais etc.). Para isso, a comunidade criou uma cultura política democrática pautada na autonomia, horizontalidade e práticas emancipatórias. Apostou também no fortalecimento da identidade com seu território, enquanto um lugar de vivência, sentidos, experiências e ação das classes populares.

À luta por uma moradia digna e pela permanência no território conectou-se o enfrentamento coletivo dos conflitos cotidianos, a preservação ambiental da área, a produção de alimentos e o trabalho sociopolítico com a juventude, mulheres e crianças. Os decorrentes avanços nos processos organizativos da comunidade têm contribuído com melhorias na qualidade vida dessas famílias.

O uso coletivo da área, as práticas comunitárias e a identidade com o território, forjadas na luta, estão fortalecendo os laços de solidariedade. Para além da conquista de uma moradia, a comunidade vem exercendo práticas que concretizam perspectivas de outra vivência no espaço urbano. A moradia é apenas um dos elementos nessa luta por outra cidade.

A ocupação Quilombo Paraíso, orientada pela perspectiva das Comunidades do Bem Viver, propõe outro sentido de identidade coletiva de enfrentamento e trava uma luta diária por comunidades alternativas e solidárias, em direção à superação das opressões. A apropriação popular desse território denuncia a lógica da especulação imobiliária e pressiona o Estado por uma moradia digna. A forma de organização da ocupação Quilombo Paraíso – modo de vida em construção – se contrapõe à dinâmica hegemônica da cidade capitalista, regida pelo individualismo, competitividade e pela mercantilização da vida, padrões da nossa sociedade capitalista.

A experiência desta comunidade é uma disputa por outro modo de vida: a presença da utopia no presente. Partindo das práticas cotidianas, os ocupantes buscam construir o poder popular enquanto força social de transformação. Assim, pautando novas relações sociais e espaciais, respeitando a pluralidade e diversidade do seu território, a ocupação Quilombo Paraíso vem colocando tijolos na construção da cidade que queremos.



Reunião dos moradores na ocupação Quilombo Paraíso

A background image showing a group of people, likely at a protest or rally. On the left, a woman in a blue shirt with a logo is visible. In the center, a man's face is partially seen. On the right, a woman is playing a drum. The scene is outdoors with a white wall in the background.

“VEM COMPANHEIRO,
SEGUINDO EM
MOVIMENTO, ESTE É O
MOMENTO
NÃO É HORA DE PARAR.

ORGANIZAR, OCUPAR E
RESISTIR!!! ESTE É O
NOSSO LEMA, ENTÃO
VAMOS PROSSEGUIR.”

HINO DO MSTB - LUCIANA MOURA



PASSOS PARA A CIDADE QUE QUEREMOS!

- 1** Pensar a cidade para além da moradia, articulando a luta por moradia digna com outras dimensões da vida, como a permanência no território, a preservação ambiental da área, o direito à alimentação e à segurança alimentar.
- 2** O protagonismo da juventude e das mulheres é fundamental para a transformação da realidade socioespacial das nossas cidades, considerando a desigualdade de gênero e que a juventude negra é a maior vítima da violência e militarização nas cidades.
- 3** O enfrentamento coletivo às desigualdades sociais e o fortalecimento da auto-organização dos territórios populares, através de uma cultura política democrática pautada na autonomia e horizontalidade, promovem práticas comunitárias emancipatórias. Realizar práticas transformadoras, construindo novas relações sociais e espaciais que se contrapõem às lógicas hegemônicas de produção da cidade: a cidade que queremos é a disputa por um outro modo de vida!

CAMINHANDO PARA A CIDADE QUE QUEREMOS

Uma ocupação que luta pela moradia digna em Salvador-Bahia como espaço de formação e transformação.

Uma comunidade do Bem Viver, inspirada pelas lutas populares do povo negro, dos indígenas, das mulheres e do povo sertanejo.

Uma disputa por outro modo de vida: a presença da utopia no presente!

Esta publicação faz parte de uma serie chamada «Caminhando para a cidade que queremos». Busca registrar experiências que rompem com as lógicas tradicionais de pensar a cidade.

Disponível em www.altofalante.info

